

---

## Os gêneros jornalísticos e sua aplicação no radiojornalismo

Débora Cristina Lopez<sup>1</sup>

José Henrique da Mata<sup>2</sup>

**Resumo:** Retomada das discussões sobre os gêneros jornalísticos e o próprio conceito de gênero para, a partir delas, analisar e discutir os gêneros jornalísticos do rádio. Trata-se de uma área pouco explorada pelos acadêmicos e estudiosos brasileiros e que, no entanto, é de crucial importância para a compreensão do próprio veículo de comunicação. Com o objetivo de potencializar as observações do rádio e do radiojornalismo, busca-se compreender o conceito de gênero, sua aplicação ao jornalismo e, conseqüentemente, às produções radiojornalísticas. Para isso, retomam-se autores do jornalismo impresso, como Melo e Beltrão e, posteriormente, estabelece-se uma relação do que propõem com autores específicos do rádio, como Ferraretto e Barbosa Filho.

**Palavras-Chave:** produção radiofônica; gêneros; jornalismo

**Resumen:** El presente artículo busca retomar las discusiones acerca de los géneros periodísticos y del propio concepto de género periodístico para, a partir de ellas, evaluar y discutir los géneros periodísticos en la radio. Ese es un sector poco explotado por los estudiosos y académicos brasileños y que es de crucial importancia para la comprensión de propio medio. De esa manera, con el propósito de potencializar las observaciones de la radio y del periodismo radiofónico buscamos, aquí, comprender el concepto de género, su aplicación al periodismo y a las producciones periodísticas radiofónicas. Para eso, retomamos autores del periodismo impreso, como Melo y Beltrão y, después, buscamos establecer una relación de lo que proponen ellos con autores específicos de radio, como Ferraretto y Barbosa Filho, entre otros.

**Palabras-Clave:** producción radiofónica; géneros; periodismo

Ao estudar gêneros jornalísticos, observa-se a presença de mais pesquisas que discutam os meios de comunicação impresso (BELTRÃO, 1969; 1976; 1980; MELO, 2003; SPANNENBERG, 2004, TEIXEIRA, 2003). O presente trabalho

---

<sup>1</sup> Professora UFSM.

<sup>2</sup> Graduando UFSM.

---

tem como objetivo mostrar que os gêneros jornalísticos também estão presentes no rádio, portanto, é possível que esse meio de comunicação seja utilizado nessa linha de estudos. Com este fim, o artigo constitui-se de uma revisão de literatura que envolve algumas das pesquisas de gêneros no Brasil. Um dos autores utilizados é Luiz Beltrão, pioneiro nesse tipo de estudo no país. Posteriormente, José Marques de Melo fez uma releitura das obras de Beltrão, dando novos parâmetros para a compreensão da classificação dos gêneros. O cruzamento desses dois autores, oriundos dos estudos em jornalismo impresso, é a base para entender como se classificam os gêneros no rádio. Para compreender melhor o que são, como estão divididos e qual o seu papel no rádio, ou seja, os gêneros radiofônicos, o artigo utiliza o trabalho de pesquisadores em rádio do país: Luis Artur Ferrareto (ano) e André Barbosa Filho (ano). Com base nesses autores, este artigo pretende mostrar que os gêneros jornalísticos existem no rádio e que, apesar de assumir formas específicas devido às características do meio, eles exercem sua função como em qualquer outro meio de comunicação jornalístico. Sendo assim, o rádio pode servir como suporte para os estudos dessa natureza.

### **Os gêneros jornalísticos**

A preocupação em definir a classificação dos gêneros jornalísticos tem sido objeto de estudo de alguns pesquisadores no campo da comunicação no Brasil. O presente artigo pretende entender os gêneros jornalísticos para compreender como eles se apresentam no rádio. Como este tipo de estudo com o foco voltado para o rádio é escasso, serão adotadas aqui as perspectivas dos estudos da mídia impressa. Os estudos de gêneros focalizam, em sua maioria, o jornalismo impresso.

Um dos autores que pesquisou gêneros no Brasil foi Luiz Beltrão, que contribuiu com três obras significativas sobre este campo de pesquisa no país. O estudo de Beltrão está dividido em três livros, cada um com a sua especificidade. O primeiro é datado de 1969, onde o autor trata do gênero informativo. O segundo trata do gênero interpretativo (1976) e o terceiro do opinativo (1980). Quase 15 anos depois da primeira publicação de Beltrão, José Marques de Melo (1985) foi buscar na obra do autor a definição dos gêneros jornalísticos, porém com uma visão diferente. Para este autor, o interpretativo não existe como categoria independente. Melo diz que a interpretação dos fatos pode estar incluída em outras classificações de gênero.

Há que se considerar que a diferença entre a visão dos dois autores em relação a essas definições se dá, principalmente, pelo fato de o contexto jornalístico no qual eles estavam inseridos ser distinto. As obras de Beltrão, pioneiro no estudo de gêneros no Brasil, foram escritas entre o final da década de 1960 e início de 1980, quando a essência do jornalismo era a opinião. Já

---

Melo, na década de 1990, analisou um jornalismo em uma época em que a predominância era majoritariamente informativa e interpretativa.

Essa referência histórica é importante de ser destacada para que se possa refletir melhor sobre essa contradição entre os dois pensadores. É preciso considerar que quando Melo revisou a obra de Beltrão o contexto histórico-jornalístico já era outro, principalmente em termos de impactos da tecnologia. No ano em que Melo desenvolveu seus estudos, a tecnologia já tinha moldado o jornalismo que era feito à época de Beltrão.

A definição dos produtos jornalísticos por gêneros vem sendo discutida desde a década de 1950. Desde então, os debates sobre o tema têm sido constantes. Importante salientar que a teoria dos gêneros surge para a literatura e é adaptada posteriormente para as discussões do jornalismo. Antes de partir para a divisão dos gêneros puramente jornalísticos é interessante trazer uma definição geral do que se entende por gênero. Lia Seixas retoma Bakhtin (In: ROSA DOS GÊNEROS, 2007, s/p) para definir o gênero da seguinte forma:

Gênero é um conjunto de enunciados mais ou menos marcados pelas especificidades de um contexto de enunciação, onde uma dada atividade humana recorrente está em andamento em um contexto de cultura. Esse conjunto de enunciados é marcado também pela esfera de utilização da língua, pelo objetivo comunicativo, pelo conteúdo explorado.

Dessa forma, o processo de produção do produto jornalístico até a sua enunciação, implicaria na determinação da sua classificação. A linguagem utilizada no momento da enunciação, o impacto que o enunciador pretende causar no público, ou seja, o seu objetivo comunicativo e o conteúdo do enunciado vão implicar, sobremaneira, na sua categorização como gênero jornalístico.

Para Luiz Beltrão, estão inseridos no gênero informativo a notícia, a entrevista, a reportagem, a história de interesse humano e a informação por imagem. A definição de notícia, segundo Beltrão, é “a narração dos últimos fatos ocorridos ou com possibilidade de ocorrer, em qualquer campo de atividade e que, no julgamento do jornalista, interessam ou têm importância para o público a que se dirige” (BELTRÃO, 1969, p. 82). A notícia, portanto, tem o simples papel de deixar as pessoas cientes do que acontece na esfera social. Ela passará as informações básicas do que está acontecendo, apenas para suprir a necessidade de manter o público informado. Marques de Melo (1994) acredita que a notícia é a narração absoluta de um fato do qual o público já tem conhecimento.

Há um ponto entre a visão dos dois autores que se contrapõe. Quando Beltrão diz que um fato que tem a “possibilidade de ocorrer” pode se

---

transformar em notícia, ele considera que, para isso, um fato não precisa, necessariamente, ter chegado ao público. Ao contrário de Melo, que define a notícia como fatos que já eclodiram na sociedade. Se um repórter, por exemplo, descobre que um determinado político desviou verbas destinadas à educação para usos particulares e tem provas, ele não precisa esperar que isso se torne público para ser publicado. Ele realizará o processo contrário: publicará o fato como notícia, para que ele se torne público.

Além da notícia, a entrevista<sup>3</sup> também é categorizada por Beltrão como gênero informativo. Ele vê a entrevista como uma “técnica de obtenção de matéria de interesse jornalístico por meio de perguntas a outrem. Na entrevista, misturam-se a provocação do jornalista e a sua força descritiva com a reação e os comentários do entrevistado, nas réplicas às questões formuladas” (BELTRÃO, 1969, p. 175). A notícia e a entrevista têm uma forte relação. Toda notícia prescinde de uma entrevista. Seja ela por telefone ou pessoalmente a entrevista terá que ser feita para que as informações sejam checadas e a notícia se torne pública com responsabilidade. Por outro lado, a entrevista será a extensão de uma notícia. Isso porque a entrevista trará um determinado personagem, ou o principal, se houver mais de um, para esclarecer melhor o assunto tratado na notícia. Ainda em relação à entrevista, Melo conceitua como “um relato que privilegia um ou mais protagonistas do acontecer, possibilitando-lhes um contato direto com a coletividade” (MELO, 1994, p. 65).

A entrevista, além de ser um gênero específico, é uma técnica que dá vida a todos os outros gêneros. Pois, é através dela que toda produção jornalística é obtida. Se acontece um desastre ecológico, por exemplo, logo os meios de comunicação enviam os seus repórteres para cobrir o acontecimento. E é através das entrevistas com os “protagonistas”, os envolvidos na tragédia, os especialistas para explicarem as conseqüências, as testemunhas e os órgãos oficiais cabíveis que será possível, aliando a informação e a descrição, tornar aquele fato um produto jornalístico, seja qual for o gênero. O uso da entrevista é muito comum nos meios de comunicação, principalmente em rádio e televisão. Ela dá maior credibilidade à informação, já que há a presença da própria pessoa (de forma escrita ou oral) no produto jornalístico.

Como reportagem, Beltrão entende “o relato de uma ocorrência de interesse coletivo, testemunhada ou colhida na fonte por um jornalista e oferecida ao público, em forma especial e através dos veículos jornalísticos” (BELTRÃO, 1969, p. 195). A reportagem é muito utilizada quando a cadeia jornalística percebe que um determinado fato é de interesse coletivo e merece um destaque especial. Este gênero vai trabalhar a informação de forma mais aprofundada, buscando dar ao leitor, ouvinte ou telespectador uma visão mais

---

<sup>3</sup> A entrevista é muito utilizada no rádio devido a sua compatibilidade com as características do meio.

---

ampla sobre o assunto. Na reportagem deve-se buscar o máximo de detalhes possíveis sobre o que está sendo apurado. Neste tipo de gênero o autor deve lançar mão de sua criatividade e inteligência. É importante que o repórter traga fontes especializadas, se for o caso, protagonistas do acontecimento, testemunhas, órgãos oficiais e o que mais for preciso para que o público receba essa informação de uma forma especial. Melo diz que a reportagem “é o relato ampliado de um acontecimento que já repercutiu no organismo social e produziu alterações que são percebidas pela instituição jornalística” (MELO, 1994, p. 65).

O autor também classifica como gênero informativo a história de interesse humano.

As reportagens deste tipo, hoje freqüentes nos jornais brasileiros, se baseiam no princípio teórico de que cada ocorrência, submetida a tratamento jornalístico, pode traduzir-se numa dupla gradação: 1.º) como simples notícia; 2.º) – como típica informação de interesse humano, na qual o impacto emocional suplante até mesmo o valor da notícia (BELTRÃO, 1969, p. 380).

Neste tipo de reportagem é fundamental o uso do que se chama de humanização. Em outras palavras, trata-se da utilização de histórias de vida nos produtos jornalísticos, o que confere mais credibilidade e proximidade ao conteúdo. Essa técnica é muito utilizada pelos meios de comunicação. Porém, alguns utilizam demasiadamente e transforma o produto de humanizado, em sensacionalista.

Beltrão inclui também no gênero informativo a informação por imagem<sup>4</sup>. Esta pode ser classificada em dois grupos: desenho e caricatura (incluindo ilustração, caricatura/charge, diagramação e história em quadrinhos) e fotografia (divididas em fotos de ocorrência, retratos e fotos artísticas e de entretenimento).

Dentro de sua classificação dos produtos jornalísticos também está incluído o gênero interpretativo. Nele encontra-se a reportagem em profundidade, que é conceituada por Beltrão como “o objetivismo multiangular da atualidade apresentado pelos agentes da informação pública para que nós próprios, os receptores, o analisemos, joguemos e possamos agir com acerto” (BELTRÃO, 1976, p. 46). Por “objetivismo multiangular” entende-se a busca em mostrar um determinado fato sobre várias vertentes que possam enriquecer o trabalho do jornalista. É, sobretudo, ouvir os múltiplos lados da situação, o que

---

<sup>4</sup> Este artigo não se aprofundará nas classificações que envolvem imagem pelo fato de seu objeto de análise ser o rádio, um meio de comunicação que utiliza apenas áudio para transmitir uma mensagem ao público.

---

vai dar maior equilíbrio e credibilidade ao produto jornalístico. Neste gênero o público deve ter subsídios para tirar suas próprias conclusões.

A reportagem e a reportagem em profundidade apresentam características distintas. A reportagem propõe o simples relato de um acontecimento de interesse público. Enquanto a reportagem em profundidade deve instigar o julgamento, a análise do próprio consumidor da informação.

Já no gênero opinativo esse julgamento e análise aparecem explícitos, não sendo necessário que, a não ser que ele queira, o consumidor da informação tire suas próprias conclusões sobre o assunto em questão. Esta categoria, segundo Beltrão, é composta por editorial, artigo, crônica, opinião ilustrada e opinião do leitor.

É através do *editorial*, principalmente, que o grupo proprietário e administrador do periódico manifesta sua opinião sobre os fatos que se desenrolam em todos os setores de importância e interesse para a comunidade e ligados à existência e desenvolvimento da empresa, intentando, desse modo, orientar o pensamento social para a ação na defesa do bem comum (BELTRÃO, 1980, p. 51-52).

Beltrão vai dizer que há uma enorme similaridade entre o editorial e o artigo em relação a sua estrutura, mas ressalta que o artigo, diferente do editorial, é escrito por especialistas de outras áreas que não a do jornalismo. E que, conseqüentemente, não implica em responsabilidade total do editor o conteúdo do texto. “Em regra, os autores de artigos são pensadores, escritores e especialistas em diversos campos, e cujos pontos de vista interessam ao conhecimento e divulgação do editor e seu público típico” (BELTRÃO, 1980, p.65).

A conceituação de Melo para o editorial é bem simples e objetiva. Para ele o editorial “expressa a opinião oficial da empresa diante dos fatos de maior repercussão no momento” (MELO, 1994, p. 95). Quanto ao artigo, Melo considera que este possui duas especificidades: ele propõe uma discussão atual e ao mesmo tempo emite sua opinião sobre o que está tratando.

Esses dois produtos jornalísticos têm em comum a idéia de expressar uma opinião, porém a proposta de cada um é diferente. O editorial é escrito por jornalistas emite o pensamento da empresa sobre um determinado acontecimento, é o seu posicionamento institucional sendo compartilhado com o seu público consumidor.

Já o artigo não precisa ser necessariamente escrito por jornalistas. Na maioria das vezes ele é escrito por especialistas em determinadas áreas do conhecimento. Além disso, o artigo, ao contrário do editorial, não emite a opinião da empresa. O que está sendo veiculado no artigo, o seu conteúdo, é de

---

pura responsabilidade do autor, é a visão dele sobre qualquer coisa que mereça, em sua concepção, uma reflexão.

Quanto à crônica, o autor classifica-a, quanto ao tema, em “geral”, “local” e “especializada” e, quanto ao tratamento em “analítica”, “sentimental” e “satírico-humorística” (BELTRÃO, 1980, p.68). A crônica é um texto jornalístico que dá mais liberdade ao autor. O seu texto, apesar de trazer opinião, deve ser mais leve do que o editorial e o artigo. Nele pode-se usar, por exemplo, gírias, rimas, palavrões e descrição dos acontecimentos, que é uma de suas características predominantes. Já Melo acha que “a crônica moderna gira permanentemente em torno da atualidade, captando com argúcia e sensibilidade o dinamismo da notícia que permeia toda a produção jornalística” (MELO, 1994, p. 154).

A pesquisadora Tattiana Gonçalves Teixeira, acredita que a crônica não é um texto jornalístico. Ela explica que a crônica utiliza material jornalístico como foco de sua construção, mas que mesmo assim não deve ser considerada como produto jornalístico.

Ou seja, embora o cronista utilize como matéria-prima os acontecimentos da atualidade, (...) o faz de um modo distinto do jornalista, na medida em que cada um cumpre princípios deontológicos diferentes. Se no jornalismo imperam preceitos como a imparcialidade e a objetividade, por exemplo, tais prerrogativas não devem ser cobradas de um cronista, daí porque o texto da crônica pode ser subjetivo e irônico a um só tempo, enquanto o jornalístico, por princípio, não deve utilizar esses recursos e o estudo de sua linguagem comprova esta hipótese (TEIXEIRA, 2003, p. 197).

Beltrão também fala de opinião ilustrada (fotos e desenhos) e opinião do leitor. A opinião ilustrada apresenta tanto a fotografia quanto as ilustrações como formas opinativas. Cabe destacar que, dentro de ilustrações, o autor está incluindo unicamente as charges. Já Marques de Melo, em relação à opinião através de imagem, atribui esse papel a caricatura. Segundo ele, a caricatura traz a opinião de forma explícita. A sua finalidade satírica ou humorística, segundo o autor, pressupõe juízo de valor. Como caricatura Melo classifica a charge, o cartoon e o comic (história em quadrinhos) (MELO, 1994, p. 168). Pode-se observar que o que Melo considera como opinião por imagem é bem mais extenso do que o que há na classificação de Beltrão. Já que para Beltrão a ilustração está relacionada apenas as charges. Enquanto que em Melo, a caricatura se refere à charge, o cartoon e o comic. Contudo, Beltrão diz que a fotografia também é uma forma de opinar através de imagem, o que não é citado no conceito de Melo.

---

O autor amplia bastante o leque do que considera “opinião do leitor” no jornal, embora enfatize que sua manifestação principal é a carta. Para ele é o “tipo mais significativo de colaboração do leitor” (BELTRÃO, 1980, p. 87).

A participação do público consumidor em um meio de comunicação é de suma importância. É essa interação com o meio que vai guiar os jornalistas em relação ao conteúdo que vai ser definido após todo o processo de escolha das notícias. É uma forma de saber que tipo de informação o usuário espera daquele meio. Ele é quem vai, muitas vezes, determinar o que é ou não notícia. Beltrão considera ainda outras possibilidades de participação do leitor no jornal, através da “palestra”, do “depoimento confidencial” ou da “enquete” (BELTRÃO, 1980, 91).

Existem ainda outros gêneros que são considerados em Melo e não aparecem na classificação de Beltrão. Um deles é a nota. Para Melo, a nota “corresponde ao relato de acontecimentos que estão em processo de configuração e por isso é mais freqüente no rádio e na televisão” (MELO, 1994, p. 65).

Este gênero é mais comum aparecer no rádio ou na televisão pela sua própria forma de abordagem dos fatos. Uma nota, como explica Melo, vai tratar de assuntos ainda inacabados, ocorrências que podem mudar de rumo a qualquer momento. Por isso é importante que o repórter de rádio ou de televisão fique atento às mudanças que vão acontecendo ao decorrer da produção e da veiculação da nota.

O principal motivo pelo qual a nota está mais presente no rádio e na TV, é que esses dois meios têm uma maior capacidade de veicular uma informação no momento em que um determinado acontecimento está se desenrolando. Um jornal impresso, por exemplo, não conseguiria veicular de forma imediata, um possível seqüestro do presidente da República, fato que seria de extrema importância tornar público e qualquer empresa jornalística, com certeza, gostaria de dar essa notícia de primeira mão pelo grau de importância que ela ocupa. O impresso só poderá dar essa notícia no dia seguinte, enquanto o rádio tem a capacidade de acompanhar o fato desde o momento que ele aconteceu, atualizando sempre que obtiver novas informações, até que o episódio finde.

Sobre o comentário ele diz que tem “sua própria especificidade enquanto estrutura narrativa do cotidiano. Trata-se de um gênero que mantém vinculação estreita com a atualidade, sendo produzido em cima dos fatos que estão ocorrendo. Vem junto com a própria notícia” (MELO, 1994, p. 109).

Este gênero pode ser produzido tanto por um jornalista quanto por um especialista. Em muitos casos ele é feito por especialistas, por terem maior conhecimento sobre o que irão falar. Não que os jornalistas não sejam capazes de fazer comentários. Isso é possível desde que ele tenha especialização na área

---

que vai comentar. É preciso dominar completamente o assunto. É bem verdade que existem por aí muitos comentaristas que, por falta de especialização, acabam dizendo bobagens ou deixando muito a desejar em suas reflexões, e isso pode refletir na credibilidade da emissora.

A resenha é a “apreciação das obras-de-arte ou dos produtos culturais, com a finalidade de orientar a ação dos fruidores ou consumidores” (MELO, 1994, p. 125). A resenha irá se preocupar em tratar de forma crítica os lançamentos de obras de grande importância. O objetivo é oferecer aos consumidores mais informações sobre o produto que está entrando no mercado. A resenha pode ser feita por jornalistas, críticos, especializados ou não, ou escritores literários.

Coluna é a seção especializada de jornal ou revista, publicada com regularidade, geralmente assinada, e redigida em estilo mais livre e pessoal do que o noticiário comum. Compõe-se de notas, sueltos, crônicas, artigos ou textos-legendas, podendo adotar, lado a lado, várias dessas formas.

Todos esses gêneros jornalísticos, quando utilizados em outros meios de comunicação, além do impresso, sofrem algumas modificações para se adequarem ao meio no qual está sendo usado. No rádio não é diferente, todos os formatos apresentados até aqui deverão ser utilizados de acordo com as características do suporte. O rádio, a TV e o jornal deverão transmitir a sua mensagem adequando todos eles a sua forma como meio de informação. Apesar de os estudos nesse campo estarem voltados para o jornalismo impresso, como se só nele existisse a divisão do conteúdo informativo por gêneros, o rádio também pode ser utilizado para tal.

### **Gêneros radiofônicos**

Os gêneros jornalísticos quando aplicados ao rádio, adquirem formas específicas para se adequarem às características desse veículo. O gênero informativo é o mais identificado no rádio. Isso porque a função a que se propõe tem uma forte relação com uma das características mais preciosas do rádio, que é a imediaticidade. O rádio tem a possibilidade acompanhar os fatos no momento em que estão acontecendo e noticiá-los. Em relação à imediaticidade, a pesquisadora Gisela Ortriwano diz o seguinte:

Os fatos podem ser transmitidos no instante em que ocorrem. O aparato técnico para a transmissão é menos complexo do que o da televisão e não exige a elaboração necessária aos impressos para que a mensagem possa ser divulgada. O rádio permite “trazer” o mundo ao ouvinte enquanto os acontecimentos estão se desenrolando (ORTRIWANO, 1985, p. 80).

---

A imediatividade vai gerar a possibilidade de o rádio transmitir os últimos fatos ocorridos na sociedade que sejam de interesse público. O gênero informativo está bastante vinculado à imediatividade por possuir como subgêneros a nota e a notícia, que são bastante presente no rádio.

Para ambos não é necessário uma apuração aprofundada a ponto de oferecer ao ouvinte uma interpretação do fato. A apuração, é claro, deve ser feita, mas apenas com o intuito de checar a veracidade da informação antes de sua divulgação. O seu único papel é informar. É através deles que os fatos que vão se desenrolando no decorrer da programação de uma rádio devem ser apresentados.

Se, por exemplo, um repórter a caminho do local para onde foi enviado para cobrir a sua pauta, se depara com um incêndio em um shopping, onde várias pessoas tentam fugir desesperadas, ele pode, imediatamente, entrar em contato com a redação da emissora informando tudo passo a passo. Provavelmente, isto será passado para os ouvintes através de uma nota, já que a informação está sendo passada simultaneamente e não houve tempo para a apuração. Ou seja, o rádio tem uma grande facilidade em transmitir os fatos no momento em que ocorrem.

Luís Artur Ferrareto, um dos mais importantes pesquisadores em rádio do Brasil, vai dizer que o jornalismo informativo:

Retrata o fato com o mínimo de detalhes necessários à sua compreensão como notícia. Por se adaptar às necessidades de concisão do texto radiofônico, é o gênero preponderante no noticiário. Aparece, também, na maioria dos boletins, embora estes tendam, pela adição da impressão pessoal do repórter, a invadir o terreno do jornalismo interpretativo (FERRARETO, 2001, p. 201).

Deve-se levar em conta que toda informação no rádio é transmitida pela fala. Ou seja, o único recurso do qual o radiojornalismo dispõe é o áudio. Por conta disso, é provável que no momento da transmissão de um boletim<sup>5</sup>, a pessoa que está oralizando, seja o próprio autor do texto ou um apresentador, tenderá a modificar o sentido de uma palavra ou frase no momento da fala. Interferências no momento da oralização também podem ocorrer quando há uma emissão direta.

Por “emissão direta” entenda-se aquela que é feita ao vivo, simultaneamente ao acontecimento, em que o emissor – no caso, o

---

<sup>5</sup> Os boletins são pequenos programas que transmitem as informações principais do dia. A sua programação é constituída por notas e notícias. Normalmente, esse tipo de programa é veiculado nas chamadas “horas cheias” ou “cabeças de horário”, às 17, 18 e 19 horas, por exemplo.

jornalista responsável pela transmissão – elabora a mensagem conforme o desenrolar dos acontecimentos e o receptor – público – recebe a informação imediatamente, sem defasagem maior de tempo do que a necessária para essa elaboração verbal da mensagem, que está, inclusive, sujeita à emocionalidade do “palco da ação” (ORTRIWANO, 1985, p. 96-97).

Ou seja, nas emissões diretas as interferências poderão ocorrer por conta do contato direto do jornalista com o palco da ação. Pois nenhum ser-humano, nem mesmo um jornalista, que ao contrário do que muitas pessoas pensam também se emocionam com os fatos que presenciam, é tão insensível a ponto de aniquilar sensações tristes ou alegres que surjam no desenrolar de uma cena, seja qual for sua natureza. Portanto, esse tipo de transmissão influenciará a emissão da mensagem.

Retomando o exemplo dado acima, no qual o repórter se depara com um incêndio em um shopping, apenas a questão de aquele fato ter pegado o repórter de surpresa vai influenciar no momento da transmissão da mensagem. Como todo jornalista é também um ser humano, isso é importante lembrar, as cenas presenciadas por ele serão impactantes e, as sensações que forem geradas naquele momento, estarão, concomitantemente, impregnadas em sua voz. Dessa forma, a informação sofrerá uma interferência que implicará na compreensão da notícia. Ainda mais pelo fato de o rádio possuir como recurso apenas o áudio.

Tratando ainda do gênero informativo, Barbosa Filho<sup>6</sup> classifica a nota no radiojornalismo da seguinte forma:

A nota, no jargão radiofônico, significa um informe sintético de um fato atual, nem sempre inconcluso. Suas características principais são o tempo de irradiação, sempre curto, com quarenta segundos de duração, e as mensagens transmitidas mediante frases diretas, quase telegráficas (BARBOSA FILHO, 2003, p. 90).

As notas têm um papel bem simples a cumprir. A sua veiculação objetiva apenas a atualização do ouvinte diante dos fatos que aconteceram no dia, ou que irão acontecer nos próximos. Para Melo a nota “corresponde ao relato de acontecimentos que estão em processo de configuração e por isso é mais freqüente no rádio e na televisão” (MELO, 1994, p. 65).

A notícia seria uma complementação da nota, pois ela traz alguns detalhes a mais que ajudam na compreensão da informação. Também

---

<sup>6</sup> Barbosa Filho faz duas classificações: uma de gêneros radiofônicos e, dentro dessa, a de gêneros jornalísticos. Embora ele apresente uma classificação mais geral, adotou-se neste artigo, por uma opção metodológica, apenas os gêneros jornalísticos no rádio.

---

subgênero do informativo, possui maior tempo de transmissão do que a nota. A rádio Band News FM (Salvador), por exemplo, utiliza muito a nota para dar informações locais. Em sua programação elas aparecem de vinte em vinte minutos, com o objetivo de atualizar o ouvinte. De acordo com Barbosa Filho:

A notícia é o módulo básico da informação. Seu tempo de exposição é curto, com média satisfatória de um minuto e trinta segundos, podendo ser apresentada em mais de um bloco, e na voz de dois ou mais locutores, a depender da quantidade de informações (BARBOSA FILHO, 2003, p. 90).

O jornalismo Interpretativo tem como papel fundamental se aprofundar nos fatos, oferecer ao ouvinte (leitor ou telespectador) informações mais aprofundadas do que foi noticiado como gênero informativo. Com o jornalismo interpretativo o jornalista vai contextualizar melhor o destinatário da mensagem sobre o que está acontecendo e quais as principais conseqüências do fato ocorrido. O gênero interpretativo “representa uma ampliação qualitativa das informações a serem repassadas ao público. O objetivo é situar o ouvinte dentro do acontecimento (...) Alguns programas de entrevistas e de debates incluem-se, eventualmente, no gênero interpretativo” (FERRARETO, 2001, p. 201).

O que Ferrareto quer dizer é que a entrevista, apesar de estar classificada como gênero informativo, permeia também no interpretativo. Isso porque na entrevista é possível explorar bastante as informações, e podem estar ali, no momento de sua transmissão, os principais personagens do acontecimento, explicando as causas, conseqüências e mostrando uma possível solução para o fato. Este gênero se adequa ao rádio. Se for bem executada e trazer um caso que a sociedade sente a necessidade de maiores esclarecimentos, o ouvinte acompanhará do início ao fim.

Um exemplo disso é o caso da empresa de transporte aéreo BRA. Muitas pessoas ficaram sem entender direito o porquê do fechamento da empresa. As pessoas que tinham vôo marcado ficaram sem saber o que fazer diante do caos. Entrevistas com alguém apto a falar o que tinha acontecido e o que a empresa pretendia fazer para que as pessoas que compraram passagem não ficassem no prejuízo foi uma estratégia muito utilizada pelos meios de comunicação. As entrevistas que aconteceram no desenrolar do fato foi essencial para a compreensão do que estava acontecendo.

O jornalismo opinativo é um julgamento próprio (pessoal ou da empresa de comunicação) sobre um determinado fato que ocorreu e que já repercutiu no organismo social. Segundo Ferrareto (2001), este gênero pode ser expressado em forma de comentário, editorial e de participações de âncoras.

---

No caso do rádio o que mais aparece no formato opinativo são os comentários. Comentário é a análise de fatos do cotidiano de grande relevância. Normalmente esse papel cabe aos colunistas. Os editoriais raramente aparecem nos radiojornais. O principal motivo dessa ausência é que para veicular um editorial em rádio é preciso dizer ao ouvinte que o que ele vai ouvir é um editorial, o pensamento da empresa sobre o que será tratado. Isso pode implicar seriamente na credibilidade que a emissora tem com o ouvinte, principalmente se ele for contra o que pensa a instituição.

O autor André Barbosa Filho vai mostrar em seu livro “Gêneros Radiofônicos: os formatos e os programas em áudio” os diversos formatos de gêneros jornalísticos. Barbosa Filho faz duas classificações distintas: uma de gêneros jornalísticos e outra de radiofônicos. Faz-se necessário explicar que, embora exista essa distinção entre os gêneros apresentados pelo autor, o radiofônico não deixa de ser jornalístico. Pois os classificados como gêneros radiofônicos são os jornalísticos quando adaptados ao rádio. Portanto os gêneros jornalísticos estão dentro dos radiofônicos. Como radiofônicos Barbosa Filho entende a nota, notícia, boletim, reportagem, entrevista, documentário, editorial e crônica. Apesar dos vários gêneros, alguns estão quase em desuso no rádio.

O editorial, por exemplo, tem presença raríssima no rádio. O motivo dessa ausência está relacionado a duas questões: a do papel do editorial e a explicitação, no momento da transmissão, de que o que está sendo transmitido é a opinião da rádio. Como o seu objetivo é mostrar a opinião da instituição sobre um determinado assunto, os donos de emissoras preferem não veicular este tipo de gênero para não por em risco o distanciamento dos ouvintes que, por ventura, pudessem não concordar com o pensamento da empresa. Portanto, para evitar esse choque de opiniões é preferível, na mente da maioria dos proprietários de canais radiofônicos, a extinção do editorial. Assim, eles acham que não correrão o risco de perder audiência.

Entre os mais utilizados no rádio está a nota. O rádio por ter a capacidade de veicular informação com velocidade e de forma paralela ao acontecimento, está sempre atualizando a população com notas, já que esta não prescinde de aprofundamento. Se, por exemplo, acontece um acidente automobilístico com uma estrela muito querida pela sociedade, o rádio poderá acompanhar o caso e manter os ouvintes informados através de notas, sempre que houver alguma novidade. Por todas essas questões a nota é muito útil no radiojornalismo.

Em seguida ele vai mostrar os formatos de programas radiofônicos. Os principais destacados por ele são: radiojornal, programa policial, programa esportivo, documentário jornalístico, mesas-redondas ou debates, divulgação tecnocientífica, gênero educativo-cultural, programa instrucional, audiobiografia, documentário educativo-cultural, programa temático, gênero de

---

entretenimento, programa musical, programação musical, programa ficcional, programete artístico, evento artístico, programa interativo de entretenimento, gênero de serviço, notas de utilidade pública, programete de serviço, programa de serviço, gênero especial, programa infantil, programa de variedades etc.

O radiojornal é muito utilizado pela maioria das emissoras. É através deste formato que os ouvintes se informam de forma mais ampla, já que dentro dele são utilizados outros formatos radiofônicos. O autor Barbosa filho explica com clareza a sua função:

Formato que congrega e produz outros formatos jornalísticos, como notas, notícias, reportagens, entrevistas, comentários e crônicas. O radiojornal é constituído por diversas seções ou editorias, como as de notícias nacionais, internacionais, econômicas, de cultura e artes, de serviço, de política, de esportes etc. Caracteriza-se pela periodicidade diária, mantendo a regularidade nos horários de início e término de suas transmissões, garantindo, assim, a credibilidade necessária do público no que diz respeito aos conteúdos transmitidos (BARBOSA FILHO, 2003, p. 100).

Como mostra Barbosa Filho ao conceituar o radiojornal, neste tipo de programa é possível verificar a presença de outros gêneros jornalísticos. É fundamental que o radiojornal garanta periodicidade e horário fixo. Isso faz com que o ouvinte saiba a que horas ou dia da semana pode se informar através daquele programa.

Outro formato muito comum no rádio é o programa esportivo. Ainda hoje muitas pessoas acompanham o futebol pelo rádio. O programa esportivo, segundo Barbosa Filho, se preocupará em fazer a divulgação, a cobertura e análise dos eventos de esporte. Diz ainda que ele pode ser veiculado em diversos formatos, como notícias, comentários, reportagens, entrevistas, radiojornais esportivos, programas específicos entre outros.

Além desses o autor conceitua o papel do programa policial. “Tem como objetivo cobrir os acontecimentos e fatos policiais, pó meio de reportagens, entrevistas, comentários e notícias, e é apresentado de modo independente ou vinculados aos radiojornais” (BARBOSA FILHO, 2003, p.104). Nesse tipo de programa, segundo o autor, o apresentador pode usar efeitos sonoros e trilhas musicais para enriquecer a transmissão, formando assim um ambiente de emoção e expectativa. Ele pode ser veiculado tanto “ao vivo”, nos noticiários como pode também ser gravado e veiculado em programas específicos.

### **Considerações finais**

Como pôde-se observar neste trabalho, os gêneros jornalísticos também podem ser encontrados no rádio. Eles assumem formas específicas para se

adequarem às características deste veículo. A própria classificação dos gêneros jornalísticos no rádio é singular, já que não são todas as categorias abordadas no impresso que se adequam à sua forma.

O rádio é um meio de comunicação como qualquer outro. Claro, as diferenças existem e são incontestáveis. Mas o seu objetivo de informar e entreter a população é similar ao de outros meios. Por isso, o rádio é um objeto que carece de novos e constantes esforços de investigação na área de comunicação. Embora esta carência de estudos envolva distintos desdobramentos deste veículo, o presente artigo focaliza um dos setores pouco explorados no Brasil: os gêneros jornalísticos. As possibilidades de linhas de pesquisa sobre este veículo são bastante amplas e devem ser exploradas.

São esparsas as investigações sobre este meio de comunicação no Brasil, mas esse é um panorama que tende a se readequar. Isso porque o rádio tem tomado novos rumos que merecem ser estudados e, além disso, tem assumido novos espaços nos centros de estudo em comunicação. Através dessas pesquisas será possível compreender melhor o seu formato contemporâneo, suas especificidades e mudanças.

### Referências

- BARBOSA FILHO, André. **Gêneros Radiofônicos**: os formatos e os programas em áudio. São Paulo: Paulinas, 2003.
- BELTRÃO, Luiz. **A imprensa informativa**. São Paulo: Folco Masucci, 1969. Coleção Mass-Media, vol.1.
- \_\_\_\_\_. **Jornalismo interpretativo**. Porto Alegre: Sulina, 1976.
- \_\_\_\_\_. **Jornalismo opinativo**. Porto Alegre: Sulina, ARI, 1980.
- FERRARETO, Luiz Artur. **Rádio**: o veículo, a história e a técnica. 2º ed. Porto Alegre: Ed Sagra Luzzato, 2001.
- ORTRIWANO, Gisela Swetlana. **A Informação no Rádio**: os grupos de poder e a determinação dos conteúdos. 2º ed. São Paulo: Summus, 1985.
- MELO, José Marques de. **Jornalismo Opinativo**: gêneros opinativos no jornalismo brasileiro. Campos do Jordão: Mantiqueira, 1994.
- TEIXEIRA, Tattiana Gonçalves. **A Ironia do Efêmero**: análise das crônicas políticas de Carlos Heitor Cony, Machado de Assis e Luís Fernando Veríssimo. 2003. f197. Tese (Doutorado em Comunicação) – Faculdade de Comunicação, Universidade Federal da Bahia, Bahia.

ROSA DOS GÊNEROS. Disponível em: <http://rosadosgeneros.blogspot.com>,  
acesso em 28/10/2007